

Saberes e fazeres da docência com bebês: olhares sobre o cotidiano pedagógico de professoras de educação infantil

Caroline Machado Cortelini Conceição

Professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão/PR - Unioeste/FB. Doutora em Educação e licenciada em Pedagogia

DOI: 10.47573/aya.5379.2.88.10

RESUMO

Esta escrita tem como questão central compreender as especificidades da docência com bebês. Coloca em discussão os significados de criança e infância e suas relações com a prática pedagógica pelo olhar das professoras. São analisados um conjunto de memoriais de formação elaborados por professoras que atuam em turmas de berçário no contexto de um processo de formação continuada. Trata-se de um trabalho de análise documental de caráter exploratório no qual os relatos de memórias são fonte de dados prioritária para a delimitação do foco e análise sobre o tema investigado. O trabalho parte de uma perspectiva de análise que considera a docência uma atividade humana interativa e assume que a docência com bebês possui particularidades. O resultado da análise aponta que a docência com bebês está em vias de constituição e suas particularidades, seus saberes e práticas, precisam ser visibilizados. Os bebês precisam de profissionais preparados para lidar com esses sujeitos pequenos, percebendo-os como sujeitos ativos, potentes que se expressam através de múltiplas linguagens.

Palavras-chave: educação infantil. bebês. docência.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir os significados de criança e infância e suas relações com a prática pedagógica por professoras de berçário. Esta escrita apresenta uma análise de memoriais de formação elaborado por professoras de turma de berçário no contexto de um processo de formação continuada e propõe-se problematizar a docência com bebês.

Temos como questão central compreender as especificidades da docência com bebês. Esta análise toma como documento Memoriais de Formação produzidos por professoras que atuam em turmas de berçário dos Centros Municipais de Educação Infantil de Francisco Beltrão/PR participantes do curso de formação continuada “A primeira infância em foco: Práticas pedagógicas e institucionais de cuidado e educação da criança”, registrado sob a forma de projeto de extensão.

A análise de narrativas, ou relatos de memórias é relevante instrumento de investigação a ser utilizado por estudiosos e pesquisadores interessados em compreender o processo de construção da identidade, da subjetividade e de formação docente (NÓVOA, 1992; SOUZA, 2003). As narrativas de caráter auto-biográfico são uma maneira de trazer à tona como fomos construídos ou como estamos continuamente nos reconstruindo no próprio ato de relatar histórias para diferentes interlocutores em outros momentos e espaços (LOPES, 2001).

Desse modo, os memoriais são fonte de dados prioritária para a delimitação do foco e análise sobre o tema investigado. Para a análise dos documentos lançamos mão do método de análise documental na perspectiva da pesquisa qualitativa de caráter exploratório (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social (BRAVO, 1991). Neste trabalho apresentaremos e discutiremos as categorias de codificação le-

vantadas no processo analítico abrangendo as compreensões das professoras sobre as crianças e suas relações com a prática pedagógica.

Este trabalho coloca em discussão as especificidades da presença das crianças pequenas nas instituições de educação infantil propondo refletir sobre as compreensões das professoras sobre as crianças e as práticas pedagógicas.

O que dizem professoras do berçário? Narrativas sobre infância e a prática pedagógica

Partimos de uma perspectiva de análise que considera a docência uma atividade humana interativa, em que a relação com o/s outro/s é o próprio objeto de trabalho docente e compõe a ação profissional (TARDIF e LESSARD, 2005, 2012; TEIXEIRA, 2007). É pertinente refletir sobre as marcas, as singularidades da relação estabelecida na docência na educação infantil, especialmente quando se trata da docência com bebês e crianças bem pequenas, considerando que tais singularidades interferem na forma como as professoras organizam sua ação (SCHMITT, 2014). Afinal, as concepções que os professores possuem sobre criança, infância e educação infantil “são as principais referências utilizadas para nortear suas ações”. (MAIA, 2012. p. 13).

A infância é uma “experiência social e pessoal, ativamente construída e permanentemente ressignificada” (BARBOSA, 2007, p. 1065). As significações sobre crianças e infâncias são construídas pelas compreensões do que elas são e devem ser nos diversos contextos onde estas se encontram, de tal modo que temos escolhas a fazer sobre como compreendemos a infância e essas escolhas determinam as instituições que proporcionamos às crianças (DAHLBERG, MOSS, PENCE 2003). Nessa perspectiva, procuramos compreender as visões das professoras sobre criança e infância e como elas se fazem presente em suas práticas pedagógicas.

Iniciamos a análise com um conjunto de registros (produzidos em grupos), efetuados por professoras que no ano de 2018 atuavam em turmas de berçário, em um dos encontros de formação numa das atividades de formação continuada. Nessa atividade de formação, em grupos, as professoras responderam questões sobre como elas caracterizam ou definem as crianças do berçário e como vivem essas crianças. Acentuamos, a partir desses registros, os modos com as professoras do berçário veem as crianças com quem elas trabalham, suas características e como vivem.

Destacamos alguns adjetivos que as professoras usam para se referir às crianças que se destacam nos registros de cada grupo: inteligentes, carinhosas, curiosas e alegres. Podemos perceber que são potencialidades destacadas nas crianças. Mas também foi acentuado com menor recorrência as características: agitadas, agressivas e mimadas.

Ao tratarem sobre como esses bebês vivem suas infâncias foram destacados o grande tempo de permanência no CMEI e pouca atenção que recebem dos pais, também foi acentuado a falta de limites das crianças e que são infâncias tecnológicas.

Em seus memórias produzidos na formação continuada, os quais destacamos alguns fragmentos de 17 memoriais de professoras que trabalham em turmas de berçário expõem suas compreensões e visões sobre a infância, as crianças e a prática pedagógica desenvolvidas junto aos bebês. No geral elas utilizam-se de alguns adjetivos tais como carinhosos, afetuosos, inocentes, amáveis, lindos, espertos, inteligentes. Para as professoras as crianças são: “crianças

amáveis, carinhosas, com desenvolvimento normal para a idade”(Prof.^a 4); *“crianças lindas, es-
pertas e inteligentes”* (Prof.^a 10); *“ativos, sapecas e carinhosos”* (Prof.^a 12).

Na análise dos memórias percebemos que diversas professoras não expressaram uma definição de criança/infância. Um olhar romantizado por parte das professoras quando falam dos seus alunos é marcante, pois em suas falas colocam a questão da criança como um ser carinhoso e dependente, como expresso por uma das professoras: *“Os bebês são um encanto, carinhosos, afetuosos, a responsabilidade é muito maior pois são pequenos e muitos dependentes das professoras”* (Prof.^a 2). Ou ainda: *“Elas são sábias, autônomas e ao mesmo tempo dependentes dos adultos”* (Prof.^a 6). A imagem da criança como esse ser puro, indefeso e inocente ainda presente na percepção das profissionais que trabalham com bebês e é lembrada por uma professora: *“Elas são inocentes e tem um coração grande”* (Prof.^a 3).

Esta imagem da criança gera nos adultos um desejo de protegê-las do mundo corrupto que as cerca – violento, opressivo, comercializado e explorador – construindo um tipo de ambiente em que a criança pequena receba proteção, coesão e segurança. De acordo com nossa experiência, no entanto nós nos tornamos cada vez mais cientes de que, se escondermos as crianças de um mundo do qual elas já fazem parte, não apenas nos iludimos, mas não levamos as crianças a sério nem as respeitamos (DAHLBERG, MOSS E PENCE, 2003, p. 66).

Os bebês também são definidos como sujeitos aprendentes: *“São seres observadores, estão sempre atentos a tudo que está ao seu redor, são muito espertos e rápidos, tem facilidade para aprender”* (Prof.^a 8). Nessa perspectiva, as crianças são identificadas como um ser singular em desenvolvimento que aprende através do que lhe é proposto mas também, através do meio social, produz sua identidade em seus diversos contextos de relação, realizando novas descobertas e trocas de experiências (DAHLBERG, MOSS E PENCE, 2003, p. 66).

Percebemos que suas definições denotam uma forte dimensão afetiva juntamente com uma afirmação da percepção da capacidade cognitiva, apontando os bebês como sujeitos aprendentes, conforme expresso por uma das professoras: *“Cada mês que passa o desenvolvimento é visível. A convivência com os bebês nos faz perceber como é rápido, crescimento deles e por todas as fases que eles passam até caminhar, tudo isso no mais ou menos do primeiro ano”* (Prof.^a 10).

Em relação as práticas pedagógicas, as professoras de turmas de bebês enfatizam alguns elementos centrais em relação à docência: as práticas com centralidade no cuidado, educação e o brincar (sendo apontado por algumas como uma tríade indissociável); a preocupação com a dimensão da aprendizagem (a criança como sujeito no processo) e o desenvolvimento da criança e; a instituição de educação infantil como um lugar de interações. Conceitos como: educar, cuidar e brincar são reiteradas vezes destacados marcando as particularidades da docência na educação infantil.

Uma professora destaca que: *“O cuidado e a educação não tem como estar separados”* (Prof.^a 8). Outra se refere à indissociabilidade entre as dimensões do cuidado e da educação:

Assim como você educa, você cuida, o cuidar está intensamente ligado com o educar, porque a partir do momento que você tem uma concepção do seu aluno como sujeito a ser desenvolvido integralmente nos aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e social, que está ali com você, que você tem todo cuidado com ele, o cuidado flui (Prof.^a 17).

O relato de outra professora que também explicita o seu entendimento sobre o cuidado

e a educação: *“O educar e o cuidar são essenciais para o desenvolvimento da criança, pois para um bom desenvolvimento a criança irá precisar do cuidar e do brincar, já que o cuidar é ligado a dimensão afetiva e o educar ligado a educação”* (Prof.^a 3).

As professoras também enfatizam o vínculo afetivo que estabelecem com as crianças e descrevem uma rotina ocupada pela troca de fraldas, o qual resulta em cansaço físico. Sobre as particularidades dos bebês que exigem cuidados específicos, uma professora faz a seguinte colocação:

Sentia-me mais cansada, pois estamos numa função o dia todo de troca de fraldas, e alimentação dos bebês, e as atividades não rendem tanto como com os maiores, mas ainda sim podemos trabalhar muito a evolução das crianças (Prof.^a 15).

Nesse relato fica nítido o quanto é mais trabalhoso e a dimensão cuidado físico está muito mais em evidência, às vezes o educador não percebe e acaba focando somente nesse quesito. Uma das professoras expressa que se sente compensada pelos bebês:

O dia é bastante corrido, uma rotina cheia, as vezes chego em casa exausta, mas pela manhã quando eles chegam abrindo os braços para vir para o nosso colo com um sorriso no rosto demonstrando que querem ficar no CMEI, é muito recompensador.” (Prof.^a 16).

O brincar teve uma recorrência acentuada nos memoriais das professoras de bebês: *“Brincar é uma importante forma de comunicação, é por meio desse ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano[...] É através do lúdico que podemos ensinar a criança enquanto brinca e se apropria de conhecimentos e saberes”* (Prof.^a 1). Outra professora assinala que:

É através do brincar, do lúdico que a criança vai se desenvolvendo, o aprendizado torna-se muito mais interessante e gostoso. Utilizamos atividades variadas, circuitos, oficinas, brincadeiras lúdicas e percebemos quanto a criança desenvolveram a coordenação ampla e fina, o equilíbrio, entre outros (Prof.^a 2).

Aparecem diferentes compreensões acerca do brincar. Uma das professoras faz um destaque enfatizando a atividade de brincar dirigido: *“O brincar com as crianças pequenas, não pode ser apenas jogar os brinquedos no chão e deixar que elas brinquem sozinhas. É preciso que as professoras realizem brincadeiras dirigidas”* (Prof.^a 8). Já outra defende o brincar livre:

Oferecer ambientes ricos em recursos diversos que possibilite a criança maior criatividade, manter uma rotina clara e objetiva, buscar relacionamento saudável com e entre as crianças e não esquecer de deixar um tempo livre para que todos brinquem. Se relacionem e desenvolvam suas atividades (Prof.^a 6).

E ainda uma delas acentua que é papel da professora brincar junto com as crianças: *“O professor de educação infantil precisa sentar, rolar, cantar... Ser um pouco criança com as crianças”* (Prof.^a 13).

Além do brincar, também foram pontuadas outras atividades como inerentes à rotina com os bebês; *“O professor deve utilizar músicas, jogos, historinhas, contos de fadas, lendas, poesia, brincadeiras de roda, cantigas, dança, circuito para se trabalhar com a criança o seu desenvolvimento físico, motor e o lúdico na educação infantil”* (Prof.^a 3).

A pesquisa apontou que as professoras possuem compreensão sobre as singularidades da docência na educação infantil em relação às práticas e as características e necessidades das crianças, assinalando que a rotina com os bebês é preenchida por uma diversidade de atividades que tem em vista atender suas necessidades e considera-los como sujeitos ativos em seu

contexto:

Algumas experiências foram inesquecíveis, trabalhos com guache no solário, danças e histórias contadas, aqueles olhinhos brilhando fizeram amar e esquecer o cansaço exaustivo de trocas de fraldas, da sala cheia, do fulaninho que só mordida, da mãe que chamava de tia ou tata (Prof.^a 9).

As narrativas nos memoriais apontam em linhas gerais a percepção das especificidades das crianças (bebês, crianças bem pequenas e pequenas) como sujeitos ativos e suas necessidades de cuidado e educação e o direito de brincar são compreendidos como centrais na composição da docência na educação infantil. Os bebês ainda são vistos sob um olhar romantizado que o admira pela sua pequena dimensão, ao mesmo tempo que se surpreende por suas potencialidades.

Schimitt (2014, p. 44) destaca que ainda é um desafio a aceitação de que o trabalho com a criança pequena é a docência, essa palavra origina-se do latim “docere” que significa “ensinar, instruir, transmitir”, “é relativamente recente a denominação de “docência” para categorizar a profissão daquelas que se ocupam da educação e cuidado de crianças pequenas em instituições de educação coletiva no Brasil, e ainda mais, a utilização do adjetivo “docente” para definir as ações das profissionais que atuam, especificamente, com a faixa etária de 0 a 3 anos. Nessa perspectiva a autora assinala que

A identificação da ação das profissionais da creche, ou mesmo da Educação Infantil de forma geral, pela marca da docência, é parte do processo de constituição e profissionalização deste campo, ainda em vias de consolidação, endossado pelo desafio de afirmação de sua especificidade.

Este processo de compreender o fazer pedagógico na educação infantil como docência ocorre no contexto de um duplo movimento, como acentua Schimitt (2014). Por um lado a afirmação do caráter docente e pedagógico da ação educativa das instituições de educação infantil, implicando no reconhecimento político da função de professora de educação e de outro lado a demarcação das especificidades da educação infantil, daquilo que a diferencia da docência em outras etapas educacionais. Esses movimentos se colocam como importantes desafios no campo da educação infantil, tendo em vista que historicamente o

significado atribuído à ação docente, como um ato de transmitir, ensinar, incide sobre a desvalorização de outras ações exercidas pelos profissionais dessa área”, principalmente as ações ligadas ao cuidado com o corpo e com a emoção, considerado menos “nobre”, ou menos “educativo” (SCHIMITT, 2014, p. 5).

De acordo com Duarte (2011) a docência na educação infantil está envolta por relações e interações que envolvem seres humanos de pouca idade. A forma como ocorrem estas relações está permeada de enunciados, nem sempre refletidos em sua intencionalidade, que direta e indiretamente vão contribuindo para constituição das crianças em suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, como propõe Coutinho (2014) é preciso que as práticas pedagógicas assumam efetivamente a criança como ator social competente, como sujeito de direitos e a infância como construção social, realizando a necessária aproximação às “crianças reais”. No entanto, como salienta Ostetto (2009, p.129), “olhar a criança real e concreta à sua frente, muitas vezes [...] é difícil para o professor tantas vezes acostumado a ver as imagens idealizadas e universais das crianças que aparecem nos manuais de psicologia e pedagogia”.

A proposta que as professoras receberam foi de falar das crianças reais com quem vi-

venciam o cotidiano institucional no Cmei. Diante disso, emerge um aspecto essencial para a formação de professores: aprender a olhar para a própria prática, ampliar o foco da visão. Precisamos conhecer a profissão docente na educação infantil, suas condições específicas, que envolve saberes e práticas particularizadas para esse nível escolar e trajetórias formativas diferentes da dos professores das outras etapas da educação (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002). Para tanto, é necessário que “as peculiaridades e singularidades da docência em creches sejam conhecidas com base nas narrativas discursivas das professoras para que essas possam se ver como sujeitos constituidores de suas próprias práticas” (MARTINS FILHO; MARTINS, 2016, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda é um desafio entender os modos dos bebês relacionarem-se com o mundo, entender como o corpo dos bebês é “estruturado (pelas) e estruturador (das) ações” (COUTINHO, 2011 p. 113) e as possibilidades de organização de um contexto educativo significativo para estes sujeitos pequenos. A docência com bebês está em vias de constituição, os bebês precisam de profissionais que os entendam e compreendam e estas/estes profissionais precisam estar preparadas/os para lidar com esses sujeitos pequenos e para valorizar cada expressão da criança.

Parte importante desse processo implica em “superar a visão adultocêntrica que está impregnada em cada um de nós, denunciando toda a nossa incapacidade de perceber diferentes formas de ser e buscando legitimar o jeito próprio das crianças sentirem, serem e agirem no mundo” (TRISTÃO, 2004, p.134). E assim assumirmos os bebês como sujeitos ativos, potentes que se expressam através de múltiplas linguagens.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M^a Carmem S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out, 2007.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAVO, R. S. Técnicas de investigação social: Teoria e ejercicios. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

COUTINHO, A. M. S. Os bebês na creche: a ação social a partir do ponto de vista do ator. In: Creches Catarinenses: experiências de formação e práticas pedagógicas. Florianópolis: CED – NUP, 2014.

_____. O corpo e a ação social de bebês na creche. Poiésis. V. 4, n.8, jul/dez., 2011 Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/791>> Acesso em: 13 abril 2018.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

DUARTE, Fabiana. Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011.

LOPES, L. P. M. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem sócio-construtivista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (orgs.) Narrativa, identidade e clínica. Rio de Janeiro: Ipub, Cuca, 2001. p. 55-71.

MAIA, Janaina Nogueira. Concepções de criança, infância e educação dos professores de educação infantil. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – Minas Gerais, 2012.

MARTINS FILHO, A. J.; MARTINS, A. C. F. Os bebês, as professoras e um modo de viver a vida na creche. In: MARTINS FILHO, A. J. (Org.) Educar na creche: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua formação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. O desenvolvimento profissional das educadoras de Infância: entre os saberes e os afectos, entre a sala e o mundo. In MACHADO, M. L. A. (org.). Encontros e Desencontros em Educação Infantil. São Paulo, Cortez, 2002.

OSTETTO, L. E. O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO L. E. (org.) Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores. São Paulo: Papirus Editora, 2009.

SCHIMITT, R. V. As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação: Linha Ensino e Formação de Educadores, FLORIANÓLIS, 2014.

SOUSA, J. V. Narrativas de professores e identidade docente: Educação, São Paulo, v. 16, p. 11-24, 2003. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/31358>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

TARDIF, Maurice.; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente primeiras aproximações teóricas. In: Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, maio/ago. 2007, pp. 426-443.

TRISTÃO, Fernanda C. D. “Você viu que ele já está ficando de gatinho?” Educadoras de creches e desenvolvimento infantil. In: MARTINS FILHO, Altino J. (org.) Criança pede respeito: temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.